

CRÉDITO E A SUBJETIVIDADE DO SUJEITO

1

CRÉDITO E A SUBJETIVIDADE DO SUJEITO
GUSTAVO SANTOS RODRIGUES
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA

Resumo

A psicologia trata de diversos objetos de estudo, que se direcionam de forma abrangente à subjetivação humana, onde pontua as relações entre eles e para com o bem-estar das pessoas. Essa pesquisa busca investigar como uma fração da subjetivação humana se relacionada ao crédito, este como virtude credora financeira. Mesmo não sendo uma constância, estudos de transdisciplinaridades entre a psicologia e economia, é perceptível a carência de estudos no campo. O surgimento do crédito no cotidiano, veio como este novo, diferente, algo do externo que acabou por ocupar um novo meio de se lidar com o meio que o dinheiro proporciona, que agora passa a não ser necessário de certa forma. Podendo ser postergado, ou em alguns casos até mesmo nunca mais utilizado de maneira física, criando todo um novo meio de se lidar com o meio financeiro e até mesmo do tempo. De forma a influenciar em até como o sujeito percebe o tempo, que com essa nova função pode usufruir de momentos, objetos de maneira imediata, sem a necessidade de uma espera de se ter o valor necessário.

Palavras-Chave: crédito, dinheiro, subjetividade, indivíduo.

Subjetivação Humana e Sociedade de Controle: O Endividamento como Ferramenta de Dominação e Impacto na Construção Social e Econômica

A subjetivação humana acontece como um processo, específico e muito elaborado, que em cada sujeito tem o seu tempo, modo e particularidade. O processo vai muito além de simplesmente mapearmos como recebemos novas informações ou como percebemos o mundo. Na maioria dos casos os sujeitos muitas vezes nem se dão conta do ocorrer do mesmo, mas é inegável a todos de que algo está mudando, de que sua forma de perceber o mundo se transforma em contato com o novo, com o externo que vem de encontro com sua maneira de assimilar o mundo.

Já a sociedade de controle, conceito introduzido por Gilles Deleuze (1992) em seu ensaio "Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle", marca o declínio das estruturas rígidas, fixas, se estendendo-se de forma abrangente entre diversos espaços e atividades sociais. Uma das principais formas de exercício do controle, se dá pelo endividamento, que vem a ser um elemento central nas práticas de governo contemporânea. Onde vira um recurso eficaz, utilizado como argumento para a suspensão de alguns direitos fundamentais, em que agora assumindo o papel de credor, usar da relação credor-devedor como ferramenta de dominação cultural, política e histórica.

O endividamento populacional é um fato, a grande maioria da população lida, ou já lidou com o manejar do problema. Problema este, que transpassa diversos campos da vida do indivíduo, diversas pesquisas já apontam para uma diminuição de produção dos funcionários e profissionais, quando os mesmos se encontram nesse lugar de endividado. A subjetivação do indivíduo está totalmente ligada as questões econômicas, que quando a mesma sofre uma desagregação, acarreta um desequilíbrio social, atravessando diversas questões como a fome, falta de habitação, desemprego, analfabetismo, altas taxas de mortalidade infantil, os colocando em posição prejudicial para com sua construção como ser humano (Frade & Magalhães, 2006).

A pesquisa a ser realizada é de natureza básica, onde os objetivos serão tratados de maneira explicativa, utilizando-se de uma abordagem qualitativa. Os procedimentos técnicos a serem utilizados serão bibliográficas, que constitui em ser elaborada baseando-se em material já publicado, que inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.

O modelo conduzido da pesquisa presente, se deu no envolvimento da execução de uma revisão bibliográfica, utilizando das extensivas bases de dados disponíveis, isto é, o Portal de Periódicos da CAPES, Google acadêmico e Scopus. A abordagem se deu por uma criteriosa seleção de artigos científicos, compreendendo um período temporal delimitado aos últimos 10 anos, com foco específico na análise da inerente relação entre crédito e subjetividade humana. O processo de análise dos dados,

CRÉDITO E A SUBJETIVIDADE DO SUJEITO

4

simultaneamente, adotou uma abordagem qualitativa, explorando a identificação minuciosa de temas e conceitos emergentes nos estudos seletos. Descarte, ao longo do texto, foram apropriadamente referenciados e citados os autores responsáveis pelas contribuições destacadas, sintetizando, assim, a fundamentação teórica e a credibilidade dos resultados apresentados.

Raízes Históricas do Crédito

O crédito e sua concessão se apresentam como uma das bases da economia contemporânea, se desenvolvendo por milênios de história até que cheguemos em como o compreendemos hoje. Todo tipo de crédito se baseia em confiança, na esperança de que em um futuro, o devedor pague, o que lhe foi concedido no presente (SECURATO; FAMÁ, 1997).

Durante o decorrer da história tivemos diversos objetos atribuídos ao significante dinheiro, em diferentes épocas e lugares, com uma enorme variedade criativa em que o dinheiro primitivo se apresentava, por exemplo: âmbar, contas, búzios, tambores, ovos, penas, gongos, enxadas, marfim, jade, chaleiras, couro, tapetes, pregos, bois, porcos, quartzo, arroz, sal, dedais, vodka, fios (...) (SECURATO; FAMÁ, 1997 apud DAVIES, R., 2005).

A simbologia monetária para substituir grãos e gado se iniciou em diferentes períodos e de diversas formas para cada civilização, ocorrendo de forma simultânea ao uso dos metais por parte das civilizações. Um outro fato relevante acerca da construção de riqueza da civilização, foi a influência dos sistemas religiosos e seus códigos seculares que não proibiam de fato a usura, de cobrança de juros ou enriquecimento dos credores. Mas em alguns sistemas como no Judaísmo, existia o entendimento comum de que os judeus eram proibidos de cobrar os juros de não judeus (gentios). No Islamismo, a usura era proibida de forma explícita pelo Corão, ao passo que o comércio é permitido (ARMSTRONG, 2013; DANIELL, 2003).

Isto posto, crédito, por definição: Transação comercial em que um comprador recebe imediatamente um bem ou um serviço adquirido, mas só fará o pagamento depois de algum tempo determinado. O crédito inclui duas noções fundamentais: confiança, expressa na promessa de pagamento, e tempo entre aquisição e a liquidação da dívida (SANDRONI, 2005: 201-202).

Biopolítica, Financeirização e Subjetividade: A Transformação dos Direitos Sociais em Dívidas Sociais na Era Neoliberal

A biopolítica é um conceito fundamental na obra de Foucault (2006). Ele passa a citar esse termo, em busca de pontuar uma mudança nas práticas políticas e no exercício do poder, com o advento do Estado Moderno. Ele argumentava que houve uma transição nessa época, em que ele nomeava como "soberania" e passa a ser chamada de "biopoder" ou biopolítica. A soberania, que caracterizava os meios tradicionais de governo, tinha como foco uma preocupação com a gestão do território e a regulação das relações entre os súditos. Por outro lado, a biopolítica se concentra na gestão da vida em nível populacional.

Na biopolítica, o Estado não só busca e regula questões individuais, mas também busca controlar a vida da população como um todo. Foucault destaca que as práticas biopolíticas estão ligadas a questões como a saúde pública, controle da natalidade, regulamentação da medicina, políticas de seguridade social e outras medidas que afetam de forma direta a vida e o bem-estar da população "Nascimento da Biopolítica" (1978-1979).

A relação que a biopolítica propõe com a financeirização na vida do sujeito, do enfoque no endividamento de modo que se vincula profundamente aos dispositivos contemporâneos do governo, passando a agir como uma subjetivação do indivíduo. O conceito de governamentalidade, trago por Michel Foucault (1975), emerge como uma extensão essencial de sua análise sobre a biopolítica.

No contexto da biopolítica, ela aponta para não somente na gestão dos corpos individuais, mas também de processos sociais amplos, abrangendo áreas como saúde pública e educação. Trazendo como as práticas de governo transcendem as estruturas estatais convencionais, a governamentalidade destaca a multiplicidade de técnicas e ferramentas que direcionam a conduta e subjetividade em âmbito social. Ao integrar a governamentalidade na análise, amplia-se a compreensão das estratégias e tecnologias de poder que permeiam diversas esferas da vida cotidiana, contribuindo para uma visão mais abrangente da regulação da vida em sociedade.

A sociedade disciplinar posta por Michel Foucault (1975), derivada de sua obra "Vigiar e Punir", um modelo de sistema que se constitui em relações de poder, materializando-se por meio de instituições específicas. Em busca da normalização e vigilância como elementos centrais desse modelo societal, em que transparece aos indivíduos, padrões já predefinidos, que

CRÉDITO E A SUBJETIVIDADE DO SUJEITO

6

devem ser recebidos com conformidade pelos mesmos, pois o que vem sendo praticado pelo governo neoliberal acaba que por transformar os direitos antes sociais, em dívidas sociais.

Para uma melhor compreensão do sujeito, em como ele apreende o mundo, sua avaliação do que se passa nas tomadas de decisões, no seu agir, tratamos tudo isso na subjetividade do mesmo. Um processo laboral que começa através da percepção, que apreende o mundo na sua concretude. Desde o nascimento desse sujeito, a percepção começa a operar desenvolvendo e atribuindo de significantes, um certo mapa de códigos, um marco cultural por assim dizer. Tudo que vem de fora, o que se vê, ouve, toca, passa por esse certo filtro, onde pré-associações projetam o que vem a ser percebido, atribuindo um sentido frente aquilo, assim então se situando este sujeito.

As consequências no sujeito que vem passando por isso, relação de dívida a anos, onde o que experencia na maioria do tempo é a relação credor-devedor, é uma marca na consciência do sujeito que deixa uma cicatriz marcada pela culpa em sua subjetividade, devido ao sistema que opera em explorar e o dominar. A própria financeirização dos costumes e cultura, passa a operar se escorando nesse controle, mas não só afeta a esfera econômica, mas também a política, a ética e suas práticas sociais, em que esse neoliberalismo age não só como conceito, mas modo de vida que transpassa do teórico e se inscreve no corpo desses indivíduos.

Subjetividade em Fluxo: Entre o Familiar e o Estranho

Durante o processo de subjetivação, podemos nomear duas forças que seriam formas de representações, a familiar, marcos culturais, percepções desenvolvidas desde o início que não se apresentam por símbolos e gestos necessariamente, pelo menos não mais por estarem de alguma forma já arraigadas no sujeito e como segunda forma, o estranho, provido de fora, do cultural, dos simbolismos, do gestual, o novo.

Esse outro, essas forças inusitadas, realizam um movimento de um querer vir à tona a todo momento, o que causa essa vertigem, desestabilização com o familiar que já existe. A bússola que orienta esse desejo, nessa política de ação do mesmo, é uma bússola ética no sentido de que a agulha aponta para a vida.

Um processo turbulento, espinhoso, pois o sujeito se estrutura pelo “familiar”, por um certo mundo, e para ele realmente é o mundo, o filtro, onde tudo que vem de fora deve atravessá-lo, sendo analisado e julgado, inicialmente se organizando pelo princípio da identidade “ele é ele naquele mundo”, isso é a sua subjetividade. Simultaneamente desestabilizando os sujeitos,

construindo cada vez mais um mal-estar e medo social, não deixando que se tomem medidas à cerca do problema, em busca do desencadear de uma crise institucional e financeira.

A psicologia, quando se olha pela lente da tecnologia de poder no contexto da biopolítica, desempenha um papel central na regulação da subjetividade e do comportamento em sociedades disciplinares (Foucault, 1978). Sua presença e aplicabilidade na publicidade e propaganda reflete estratégias destinadas a compreender e influenciar as escolhas do consumidor, através da manipulação de emoções e da construção de perfis detalhados.

As práticas publicitárias, ao utilizar insights psicológicos, transcendem a satisfação de necessidades básica e físicas, visando a direcionar quais os valores, desejos e preferências individuais o indivíduo terá. Assim, a psicologia na publicidade se caracteriza como uma extensão da biopolítica, contribuindo para a governança das populações ao influenciar de maneira sistemática os comportamentos, escolhas e identidades em conformidade com as normas sociais estabelecidas (Beck, 2016).

Essa interseção entre psicologia e estratégias publicitárias constitui uma manifestação contemporânea das tecnologias de poder que Foucault analisou em seu estudo sobre a biopolítica. Uma das grandes ferramentas que passam a serem utilizadas nesse novo social que vem a ser posto, é o uso de conceitos da psicologia, que passam a ser propagadas de forma sutil e indireta nos diversos meios de comunicação em massa. Grandes corporações e empresas passam a investigar capital, em entender como esse sujeito novo se comporta, para que façam uso das melhores estratégias de molde dos consumidores.

Considerações Finais

Apresentando então uma “solução final”, que, como diria o ditado popular, acaba caindo como uma luva ao social, acatada pela grande maioria, com um peso tão grande que até mesmo pessoas com uma posição contra a mesma, acabam por se desconectar da sua própria memória afetiva do que se foi vivido e se reorganizam através dessa nova narrativa. Impedindo um processo natural, que acaba por necrosar o “transformar” do processo, através de uma super coerção social, onde se agrupam a massa, uma experiência do extra processo. Isto é a subjetividade resulta de um processo da experiência do mundo em mim, que faz múltiplas experiências e que não é uma metamorfose.

Até que ponto o crédito, a falta do mesmo, ou do dinheiro, do poder de aquisição que ele proporciona afeta sua vida? Por exemplo, as roupas que usamos de certa forma ditam muito de sua persona, representam e dizem muito para você e para os outros sobre sua personalidade. Será que a falta de crédito ou dinheiro, às vezes, não lhe proporciona o poder aquisitivo para que você se vista realmente como gostaria, afetando talvez como você se mostra ao mundo? Até mesmo o lugar que você vive, por vezes, pode ter sido escolhido devido ao local mais acessível financeiramente na cidade. A escola do seu filho, às vezes, foi escolhida considerando aspectos financeiros, sendo mais próxima, pois a locomoção implica em gastos, ou mesmo em busca de uma economia de tempo que é vista como dinheiro também.

Nesse cenário complexo, a vida cotidiana se desdobra em meio a intrincadas interações entre recursos financeiros, escolhas pessoais e as narrativas compartilhadas que dão forma à sociedade. Essas dinâmicas não apenas ilustram a influência direta do dinheiro nas decisões práticas, mas também destacam sua amplitude na constituição das identidades individuais e coletivas. Isso evidencia como as questões financeiras transcendem a esfera estritamente econômica, transformando-se em um componente vital na tapeçaria da vida social contemporânea.

Referências

- Hennigen, I., & Bonazza, G. L. (2014). Publicidade do Crédito: O que se vende junto com o dinheiro?. *Barbarói*, (40), 222-245.
- Hennigen, I., Schmidt, L. F. S., & de Souza, H. S. (2015). O crédito na publicidade televisiva: supressões, proposições e efeitos subjetivos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(3), 31-46.
- Artifon, S., & Piva, M. (2014). Endividamento nos dias atuais: fatores psicológicos implicados neste processo. *Endividamento e implicações psíquicas. Psicologia. pt*, 1-41.
- Martins, R. F. (2019). Metodologia de análise de crédito e metodologia para avaliação do risco de crédito: um estudo do ponto de vista da análise de crédito bancário.

CRÉDITO E A SUBJETIVIDADE DO SUJEITO

9

Rodrigues, P. H. C., Neto, W. J., & Ferreira, R. M. (2015). DA HISTÓRIA DO CRÉDITO: DA MESOPOTÂMIA AOS MÉDICIS E A EXPANSÃO DO MODELO DE NEGÓCIO BANCÁRIO. *Revista Jurídica*, 2, 139-156.

Rolnik, S. (1995). Subjetividade e história. *Rua*, 1(1), 49-61.

ROLNIK, S. (2009). Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. 1997. *www.pucsp/nucleodesubjetividade*. Acesso em: Maio de.

Rolnik, S. (1998). Subjetividade antropofágica. MACHADO, L.; LAVRADOR, M.; BARROS.

Góes, E. M. (2018). Usando "dinheiro de plástico" e planejando o futuro: consumo, crédito e nova subjetividade em cidades médias. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, 20, 141-160.

Baudrillard, J. (2004). O sistema marginal: a coleção. _____. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 93-114.

Lipovetsky, G. (2005). A era do vazio: ensaios sobre o individualismo. Ed. *Relógio D'Água*.

Iasbeck, L. C. A. (2002). *A arte dos slogans: as técnicas de construção das frases de efeito do texto publicitário*. Annablume.

CRÉDITO E A SUBJETIVIDADE DO SUJEITO

10